

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

PÂMELA DIEIZE ESMÉRIO

**O AGROTERRORISMO *MADE IN* BRAZIL E SUAS INTERFACES COM AS
TRANSFORMAÇÕES NA PAMPA BRASILEIRA: UM ESTUDO A PARTIR DO
CASO DE DOM PEDRITO/RS.**

**Dom Pedrito
2023**

PÂMELA DIEIZE ESMÉRIO

**O AGROTERRORISMO *MADE IN BRAZIL* E SUAS INTERFACES COM AS
TRANSFORMAÇÕES NA PAMPA BRASILEIRA: UM ESTUDO A PARTIR DO
CASO DE DOM PEDRITO/RS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação do Campo, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Educação do Campo, com ênfase em Ciências da Natureza.

Orientador: Jonas Anderson Simões das Neves

**Dom Pedrito
2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

P185a PEREIRA ESMERIO, PAMELA DIEIZE

O agroterrorismo made in Brazil e suas interfaces com as transformações na Pampa brasileira: um estudo a partir do caso de Dom Pedrito/RS. / PAMELA DIEIZE PEREIRA ESMERIO.

20 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2023.

"Orientação: JONAS ANDERSON SIMÕES DAS NEVES".

1. Compreender as formas através das quais o avanço do agronegócio na região do Pampa brasileiro têm contribuído para a reconfiguração de suas paisagens e formas produtivas, especialmente pela expulsão das formas familiares de agricultura e pecuária desta região.. 2. Articular uma investigação de referenciais teóricos sobre o tema a dados levantados junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de forma a construir um "olhar camponês" sobre a realidade.. 3. Os resultados indicam que o avanço do agronegócio, especialmente pela cultura da soja, tem contribuído para uma significativa transformação do Bioma Pampa, tanto pela redução de campos nativos quanto especialmente pela redução dos rebanhos bovinos e ovinos na região.. 4. Destacar a necessidade de compreender os efeitos perversos do agroterrorismo made in Brazil sobre o Pampa e suas gentes, bem como de construir mecanismos de resistência a suas ações. . 5. Pampa; Agronegócio; Agroterrorismo made in Brazil; Êxodo rural; Camponeses.. I. Título.

PÂMELA DIEIZE ESMÉRIO

**O AGROTERRORISMO *MADE IN BRAZIL* E SUAS INTERFACES COM AS
TRANSFORMAÇÕES NA PAMPA BRASILEIRA: UM ESTUDO A PARTIR DO
CASO DE DOM PEDRITO/RS.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Educação do
Campo, da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título Licenciatura em
Educação do Campo, com ênfase em
Ciências da Natureza

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 04 de Julho de 2023.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Jonas Anderson Simões das Neves
Orientador
(UNIPAMPA – Campus Dom Pedrito)

Prof. Dr. José Guilherme Franco Gonzaga
(UNIPAMPA – Campus Dom Pedrito)

Profª Drª. Carla Valeria Leonini Crivellaro
(UNIPAMPA – Campus Dom Pedrito)

O agroterrorismo *made in Brazil* e suas interfaces com as transformações na Pampa brasileira: um estudo a partir do caso de Dom Pedrito/RS.

Pamela Dieize Esmério¹

Jonas Anderson Simões das Neves²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo principal compreender as formas através das quais o avanço do agronegócio na região do Pampa brasileiro têm contribuído para a reconfiguração de suas paisagens e formas produtivas, especialmente pela expulsão das formas familiares de agricultura e pecuária desta região. O caminho metodológico de construção deste trabalho, apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para o Curso de Educação do Campo, da Unipampa - Campus Dom Pedrito, articulou uma investigação de referenciais teóricos sobre o tema a dados levantados junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de forma a construir um “olhar camponês” sobre a realidade. O referencial teórico que embasa este trabalho é dado pelo conceito de agroterrorismo *made in Brazil*, entendido a partir das ações terroristas utilizadas pelo agronegócio para expulsar os camponeses e avançar sobre suas terras. Os resultados indicam que o avanço do agronegócio, especialmente pela culturada soja, tem contribuído para uma significativa transformação do Bioma Pampa, tanto pela redução de campos nativos quanto especialmente pela redução dos rebanhos bovinos e ovinos na região. Em termos de considerações finais, destaca-se a necessidade de compreender os efeitos perversos do agroterrorismo *made in Brazil* sobre o Pampa e suas gentes, bem como de construir mecanismos de resistência a suas ações.

Palavras-chave: Pampa; Agronegócio; Agroterrorismo *made in Brazil*; Êxodo rural; Camponeses.

1.Introdução

Eu sou Pâmela Dieize Pereira Esmério, início este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao trazer um pouco de minha trajetória no curso de Educação do Campo, dado ser a partir dela que se constitui meu interesse de pesquisa.

Meu sonho sempre foi ser professora, porém por diferentes motivos nunca tive a oportunidade de estudar, dentre os quais a falta de recursos para pagar meus estudos. Foi então que surgiu uma oportunidade de emprego, como auxiliar de serviços gerais na Unipampa, neste momento conheci o curso de Educação do Campo. Para entrar no curso era necessário passar por uma entrevista, referente ao processo seletivo específico, além de realizar uma prova. Logo, percebi minha oportunidade de estudar e realizar o sonho de ser professora, já que o curso, numa universidade pública e na mesma cidade onde morava, não exigia mais recursos do que podia pagar, além de ser possível compatibilizar com minhas atividades

¹ Acadêmica do Curso de Educação do Campo - Unipampa/Campus Dom Pedrito. pamelaesmerio.aluno@unipampa.edu.br

² Professor do Curso de Educação do Campo - Unipampa/Campus Dom Pedrito. jonasneves@unipampa.edu.br

profissionais. Fiz minha inscrição, a entrevista e a prova, apesar do nervosismo, fui aprovada e consegui realizar meu sonho de entrar na universidade.

Da mesma forma, ao longo dos estudos fui percebendo que além de me formar professora para dar aulas, estava compreendendo meu real papel como professora, comprometida em construir junto aos estudantes uma formação crítica, a qual exigiria de mim superar a perspectiva de apenas ensinar conteúdos, mas sim de trabalhar para constituição de uma formação omnilateral e capaz de propor um tensionamento constantemente com a própria matriz curricular tradicional e agregando outros saberes a formação dos estudantes. (FRIGOTTO, 2012)

Ao longo destas vivências no curso, percebi ainda o cuidado dos meus professores para comigo, não somente em relação ao quanto eu estava aprendendo os conteúdos, mas também enquanto pessoa, com meu ser emocional e considerando minhas dificuldades em perspectiva mais ampla. Percebi a importância que a licenciatura em Educação do Campo tem, não apenas para os povos do campo, mas para todos os portadores de vozes silenciadas e/ou não ouvidas, abarcando desde trajetórias como a minha, de uma empregada doméstica que nunca havia recebido a oportunidade de estudar, até camponeses, indígenas, quilombolas, enfim, aqueles a quem a elite nega a própria condição de humanidade, tratando-os como um bando de “burros”, “grossos”, “animais”, que no seu imaginário existem apenas para servi-los. (ARROYO, 2019)

Com isso fui conhecendo melhor as dificuldades que os povos do campo enfrentam diariamente, como o trabalho árduo, de sol-a-sol; a distância e falta de acesso à escola e aos demais aparelhos do estado; a luta constante pela terra para o plantio e a moradia, tão bem representada pelo MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra), enfim, em meio a tantos saberes e conhecendo tantas lutas e dificuldades uma questão me chamou a atenção em especial: a luta dos camponeses para se manter em suas terras, de onde tiram o sustento da família, através do plantio em hortas e cercados; na criação de gado, ovinos, suínos e outros animais; no cultivo de árvores frutíferas; no processamento artesanal do que produzem; no conservar do campo nativo, entre muitas outras formas de fazer do campo um espaço de vida.

Na história do Brasil, o processo de expulsão começa juntamente com a colonização e o genocídio dos povos originários, a dita “revolução verde” ampliou o processo de êxodo rural, pelo uso de múltiplas formas de violência, de muitas

famílias sendo expulsas de suas terras em nome de um suposto projeto de modernização na agricultura - o qual englobava sementes geneticamente modificadas, o uso de agrotóxicos, o desmatamento, uso impróprio da água, etc. Suas consequências desastrosas são até hoje sentidas no país, expressas pela desigualdade social; pela fome e pela pobreza, que retornaram com muita força ao país desde o golpe de 2016; pelos problemas ambientais que se multiplicam; pelo envenenamento da água e da comida e pelas muitas violências que dão vida a um conceito ressignificado de agroterrorismo *made in Brazil*³. Dentre estas consequências, vimos os camponeses serem sistematicamente sufocados pelo dito agronegócio, enfrentando muitas dificuldades em se manter no campo, pela contaminação das águas, pela deriva dos agrotóxicos em suas culturas, pelo fechamento das vias públicas, pelo envenenamento das pessoas, entre outras estratégias terroristas utilizadas pelo agronegócio.

Neste cenário, definimos como objetivo desta pesquisa realizar a análise de algumas transformações que estão ocorrendo nas configurações do rural no município de Dom Pedrito/RS.

.

2. Metodologia

Dentre as diferentes estratégias metodológicas utilizadas para realização desta pesquisa, destaco inicialmente minha trajetória formativa no curso de Educação do Campo, no redescobrir meu próprio território e realidade a partir de um novo olhar que se construiu, quando o olhar camponês que se constituiu em mim ocupou o lugar da realidade virtual que o agronegócio utilizou para escamotear e fantasiar a realidade de violências, desigualdades e destruição que produz a partir de suas ações.

Para a descoberta deste olhar camponês foi fundamental o processo de pesquisa bibliográfica realizado, o qual envolveu tanto a busca de referenciais teóricos para o embasamento das análises aqui apresentadas quanto a busca de trabalhos e pesquisas que me permitissem conhecer melhor o território estudado.

³ O conceito de “agroterrorismo made in Brazil” foi citado pelo professor Valney Dias Rigonato durante o IX Encontro da Rede de Estudos Rurais (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=j15QjxkqLiY&list=PLZlx0DoSWJvKdnwCVY3fURlwryVWjIhUO&index=3>), não tendo sido encontradas ainda referências bibliográficas sobre o mesmo.

A compreensão do território também esteve embasada pela busca de dados que pudessem permitir entender os processos de transformação pelos quais o campo está passando em Dom Pedrito, neste sentido foram utilizados como suporte de pesquisa os dados dos censos demográficos, agropecuários e de produção municipal, todos disponibilizados pelo IBGE, bem como informações colhidas de outros trabalhos de pesquisa realizados no município.

Os resultados e as considerações finais deste trabalho foram construídos a partir de análise e estatística descritiva simples das observações e dos dados levantados no decorrer do processo de pesquisa.

3. Referencial teórico

Em sua origem grega, o radical *agri* significa terra e cultura, o ato de cultivar, nestes termos, a agricultura pode ser entendida como o ato de cultivar a terra, ou ainda, de produzir vida e cultura a partir da relação do humano com a terra; já quando associamos o termo “negócio” ao *agri*, temos a terra como lugar de negócio, portanto como mecanismo de exploração para geração de valor pelo capital, de forma que a agricultura descaracteriza-se como espaço de produção de alimentos e da vida, para ser reduzida a geração de mercadorias para o capital que se apropria da terra, nestes termos, enquanto a agricultura produz a vida a partir da terra, o agronegócio, a partir de suas práticas, violenta e mata a terra para produzir mercadorias. (GONZAGA, NEVES, 2019a; GONZAGA, NEVES, 2019b).

Segundo o dicionário da Educação do Campo, os agroecossistemas são formados por uma diversidade, vários biomas, vários ecossistemas, unidades de conservação, parques, reservas biológicas, espaços da natureza com pouca presença de atividades econômicas humanas, cidades e povoados. Nas áreas do agronegócio, os agroecossistemas são mais artificializados e geralmente estão degradados, a biodiversidade dá lugar aos monocultivos, os nutrientes são fornecidos às plantas por meio de fertilizantes sintéticos, os ciclos dos nutrientes são alterados e muitos se perdem indo poluir os cursos de água e os lençóis freáticos. As plantas espontâneas são vistas como invasoras ou daninhas e combatidas com o uso intensivo de herbicidas. A biodiversidade nativa é destruída, provocando rupturas no equilíbrio ecológico e os agroecossistemas adoecem. (MONTEIRO, 2012)

Contudo, em muitos territórios onde existe forte presença da agricultura camponesa, os agroecossistemas são mais biodiversificados, produzem alimentos com fartura e diversidade, em harmonia com a natureza, respeitando seus ciclos recuperando e mantendo coisas que são essenciais para uma agricultura verdadeiramente sustentável: águas, solos férteis, biodiversidade, riqueza natural e sabedoria dos povos e comunidades. (MONTEIRO, 2012, pg 65 - 67)

O avanço do agronegócio, modelo agrícola hegemônico hoje no Brasil, tem suas bases na violência do processo de colonização, porém seu arcabouço técnico-científico chegou junto com a importação do pacote da assim chamada Revolução Verde, que se disseminou amplamente no país a partir de meados do século XX, transformando radicalmente as paisagens. Ademais, caracterizou-se, entre outras coisas, por causar essa grande destruição de agroecossistemas diversificados, sendo atacados por doses cada vez maiores de agrotóxicos tanto plantas nativas, como os animais dessas regiões e as populações tradicionais desses territórios são expulsos ou extintos de seus ambientes, são obrigados a sair para garantir a própria sobrevivência.

A expressão “Revolução Verde” é empregada para designar o processo de transformação na agricultura em escala global que se deu por meio do desenvolvimento e incorporação de novos meios tecnológicos na produção. Esse fenômeno teve início na segunda metade do século XX, entre as décadas de 1960 e 1970. Pode ser chamada também de Paradigma da Revolução Verde, por ter representado uma mudança profunda na forma de produzir-se no campo e no aparato técnico utilizado para o desenvolvimento da produção agropecuária. Teve como base as sementes geneticamente modificadas, os maquinários agrícolas e os insumos químicos, como fertilizantes e agrotóxicos. (ANDRIOLI, FUCHS, 2008, PEREIRA, 2012)

Como dito anteriormente, as consequências deste processo têm sido cada vez mais dramáticas aos camponeses, inclusive em Dom Pedrito (RS), onde está sendo realizada esta pesquisa. Neste cenário, do dito “desenvolvimento na agricultura” - e aqui destaco as aspas, pois, como lembra Favareto, (2017), o desenvolvimento tem que gerar sustentabilidade onde as dimensões básicas devem estar inter-relacionadas, ecológica, econômica, social, cultural, política e eticamente. No entanto, podemos identificar o desenvolvimento na agricultura pela visão do agronegócio como sendo apenas um acúmulo de riquezas, não se traduz como

desenvolvimento para a sociedade, pois sobre os impactos socioeconômicos nos estados onde o agronegócio mais cresce mais se aumentaram os índices de pobreza e desigualdade, aqui vemos um desenvolvimento como meio que só gera crescimento econômico concentrado, desigualdade sociais e territoriais, dependência do gasto público. (FAVARETO, 2017)

O desenvolvimento não corresponde apenas às dimensões de crescimento, melhoria, evolução, progresso, etc. Mas também envolve sustentabilidade para todos, como dito anteriormente, respeitando a integridade do meio ambiente, dos ecossistemas, de todos os tipos e espécies de vida.

Contudo, o atual modelo hegemônico de desenvolvimento, pautado pelo agronegócio, tem levado cada vez mais famílias a não mais conseguir o sustento no campo, sendo obrigadas a se mudar de seus territórios para outras terras e para a cidade, dado que a utilização de práticas que estamos denominando de agroterrorismo *made in Brazil*, bastante presentes nas plantações de soja, uma das principais *comoddities* produzidas no município, com o uso abusivo de agrotóxicos, acabam por contaminar as terras, as águas e os demais recursos camponeses, impossibilitando-os de continuar produzindo a vida no campo, que se torna cada vez mais deserto do agronegócio.

Nestes termos, este trabalho se propõe a ocupar também um espaço de denúncia, com objetivo de desmascarar essa ideia, presente no imaginário social, de que o agronegócio pode salvar o Brasil, da fome, do desemprego, da pobreza, que o agronegócio sustenta vida! De acordo com Mitidiero Jr (2021)

Embora o agronegócio seja o setor da economia que exporte mais, ele leva o Brasil ao que estamos chamando de reprimarização da economia, ou seja, uma economia pautada em produzir matérias-primas e importar produtos industrializados. O agronegócio é, portanto, nada mais e nada menos do que um negócio.

Desta forma, como nos lembram Alentejano e Egger (2021) o agronegócio tem procurado escamotear sua verdadeira vocação, de comprometer a vida para produzir mercadorias, a partir de pesados investimentos na área do marketing e associação a grandes grupos econômicos, de diferentes setores, para se construir enquanto categoria ideológica e ocupar os corações e mentes da população numa suposta associação a vida. Como o faz, por exemplo, Helen Jacintho, Engenheira, Juíza de Morfologia pela Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), que trabalha na fazenda Regalito e no setor de seleção genética na Brahmânia

Continental, quando argumenta, em artigo à revista Forbes Brasil, que o “Agro” além de ser vida é também emprego, renda, oportunidade, baixo carbono, tecnologia e pesquisa. Helen afirma que o agronegócio tem sido vítima de mentiras nazistas tendo como inimigo a ignorância na qual as críticas contra o mesmo não se sustentam.

O Brasil tem uma vocação natural para produzir, possuímos terras férteis, água e insolação, podemos ignorar esta vocação ou nos tornar curiosos a respeito dela, entendendo como uma vantagem o destaque mundial do nosso país na produção de alimentos aliada a preservação do meio ambiente. Agro é vida, pois através do agro obtemos alimentos, fibras e energia. A cadeia produtiva do agronegócio, gera milhões de empregos, atende as demandas de alimentos no mercado interno e através das exportações, injeta bilhões de dólares na economia do Brasil equilibrando a balança comercial, assumindo o protagonismo como o setor mais eficiente e bem-sucedido da economia do país. O setor é estratificado e multifacetado, enfrenta muitos desafios, entretanto vale ressaltar os excelentes resultados. (JACINTHO, 2022)

Na contramão do que está dito na revista Forbes, e o próprio local de veiculação já é representativo de seus interesses, a realidade do agronegócio vem de encontro com as propagandas de campos verdejantes, pois, como afirmam Alentejano e Egger (2021) diariamente somos bombardeados durante um minuto por essa propaganda no horário nobre da maior cadeia de televisão do país, cuja intenção é nos fazer crer que tudo que existe no campo brasileiro está vinculado ao agronegócio, este seria responsável pelo bem-estar da população brasileira. Porém se de fato fosse essa uma realidade não teríamos a devastação de nossos campos nativos bombardeados por agrotóxicos, e assim destruídos sem a possibilidade de realmente gerar vida, gerar alimentos saudáveis e sustentáveis para todos. Por exemplo, nos últimos 35 anos a floresta Amazônica teve sua imagem alterada, estima-se que uma área aproximada de 44 milhões de hectares foram desmatadas, de acordo com a ONG Map Brasil, o aumento do uso de inseticidas e pesticidas, que tem como objetivo a eliminação de insetos e plantas indesejadas nas lavouras visando assegurar a produtividade em larga escala no campo, proporcionam, em contrapartida, alteração do equilíbrio do ecossistema e causam poluição do solo e dos lençóis freáticos aos quais são expostos. Em 2019, o Ministério do Meio Ambiente autorizou o uso de mais 63 espécies de pesticidas totalizando 365 tipos de agrotóxicos no Brasil. De acordo com o portal Amazônia, além do desmatamento, a expansão do agronegócio na região desperta outras preocupações que precisam e

devem ser consideradas, tais como: aumento da pressão sobre a biodiversidade, aquecimento global, diminuição das áreas preservadas e mais recentemente a própria segurança alimentar.

Denunciemos o vitimismo e a falsa associação do agronegócio a produção da vida como estratégias do que o professor Valney Dias Rigonato denominou como “agroterrorismo made in Brazil”. O agroterrorismo é um conceito importado dos Estados Unidos pelo agronegócio brasileiro para caracterizar supostas ameaças das quais poderia ser vítima, as quais vão desde as possibilidades de contaminação de seus produtos até a ação dos movimentos sociais; já o “agroterrorismo made in Brazil”, conforme destaca o professor Rigonato, se trata de uma ressignificação do conceito para o contexto brasileiro, onde o agronegócio se utiliza de táticas terroristas para expulsar os camponeses, as quais envolvem desde a organização de grupos armados para perseguir e assassinar camponeses e lideranças de movimentos sociais até a contaminação dos solos, das águas, das lavouras e das próprias casas dos povos do campo, das águas e das florestas com seus agrotóxicos. Nestes termos, entendemos que o nazismo, atribuído àqueles que denunciam o agronegócio, é, em verdade, característica inerente ao terrorismo de quem nega a existência de veneno nas mercadorias que oferece como alimento; de quem patrocinou o maior ato terrorista do século no país, quando da invasão e destruição da sede dos três poderes em 08/01/2023; de quem mantém sua produção baseada em trabalho análogo a escravidão; de quem assassina os camponeses que resistem e aqueles que os denunciam e de tantas outras formas espúrias de terrorismo que seria impossível descrever neste espaço.

4. Resultados

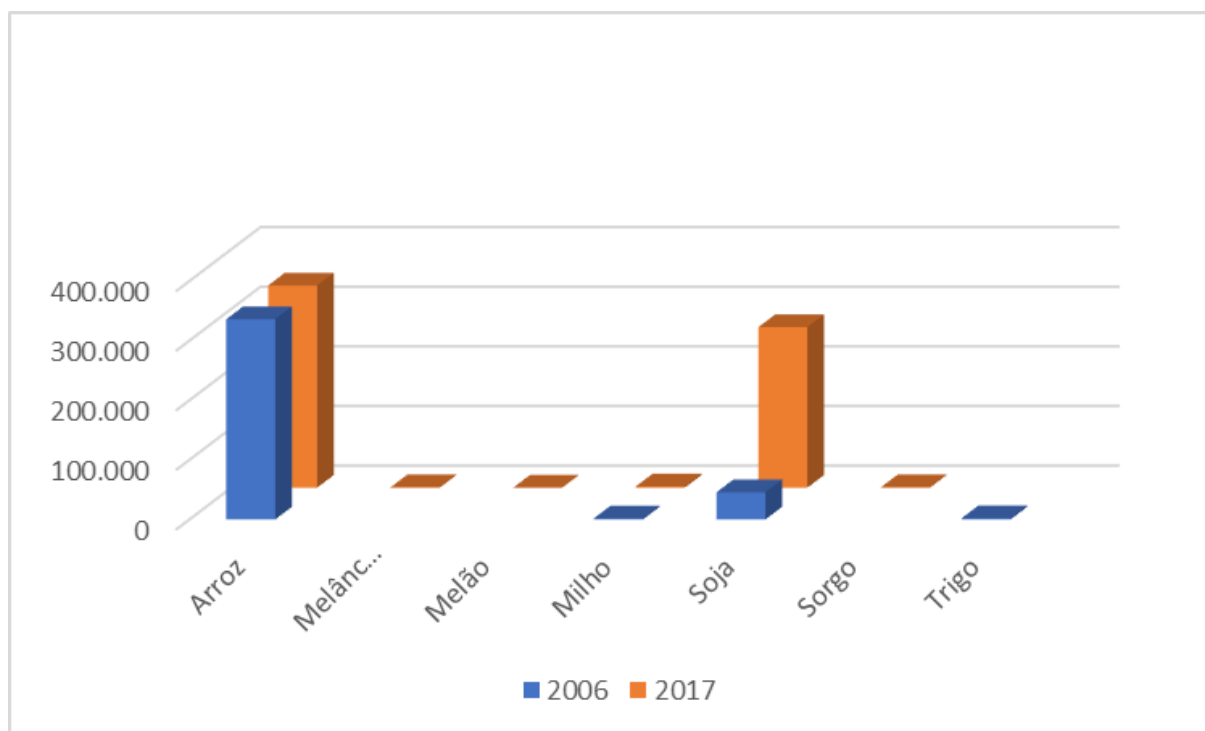
De acordo com levantamento realizado pelo Comitê dos Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa, o processo de construção histórica deste território esteve fortemente marcado pela presença de diferentes povos e comunidades tradicionais que construíram sua identidade a partir de seu enraizamento neste espaço social, tais como Comunidades Quilombolas, Pecuaristas Familiares, Pescadores e Pescadoras Artesanais, Povo Cigano, Povos Indígenas, o Povo de Terreiro e as Benzedeiras e Benzedores (MAZURANA, DIAS, LAUREANO, 2017). Mais recentemente, marcadamente a partir dos anos 1990, também começaram a formar suas raízes neste território os assentados da reforma

agrária, em sua maioria oriundos da Metade Norte do Rio Grande do Sul, provocando importantes reconfigurações no desenho e nas formas produtivas e de vida neste território, tanto pelas experiências que trouxeram de seus territórios de origem e da luta pela reforma agrária, quanto pelos aprendizados construídos aos longos do período em que estão inseridos neste novo território. (CHÉLOTI, PESSOA, 2007).

Todavia, este enraizamento tanto dos Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa quanto dos próprios assentados da reforma agrária sempre foi marcado por conflitos com os interesses dos grandes produtores rurais que exploram estes territórios, o que tem implicações desde a resistência e não reconhecimento de seus territórios e formas de vida até a construção de relações de exploração e de criação de dificuldades para sua reprodução social. Neste sentido, ao mesmo tempo em que, por vezes, as relações entre grandes produtores e povos e comunidades tradicionais e assentados são marcadas pela exploração econômica, como na contratação informal como mão de obra ou aquisição de animais para “finalização” para revenda aos frigoríficos; noutros assume contornos de violência, como na contaminação e ou impedimento de acesso à terra e às águas e nas próprias ameaças e ações de violência propriamente dita praticadas contra estes povos. (JACINTO, 2019, ALVES, 2021)

O município de Dom Pedrito foi historicamente caracterizado pela predominância da pecuária extensiva desenvolvida nas estâncias e pela produção de arroz, tendo em seu entorno uma significativa presença de formas familiares de produção, destacadamente pela pecuária familiar e pela agricultura familiar, aos quais, no final da década de 1990, se somaram os três assentamentos da reforma agrária aqui instalados. Todavia, no período mais recente este cenário está se transformando, destacadamente pelo avanço da soja, como pode ser observado no gráfico abaixo, em que consta a evolução das principais culturas agrícolas do município entre os Censos Agropecuários de 2006 e 2017.

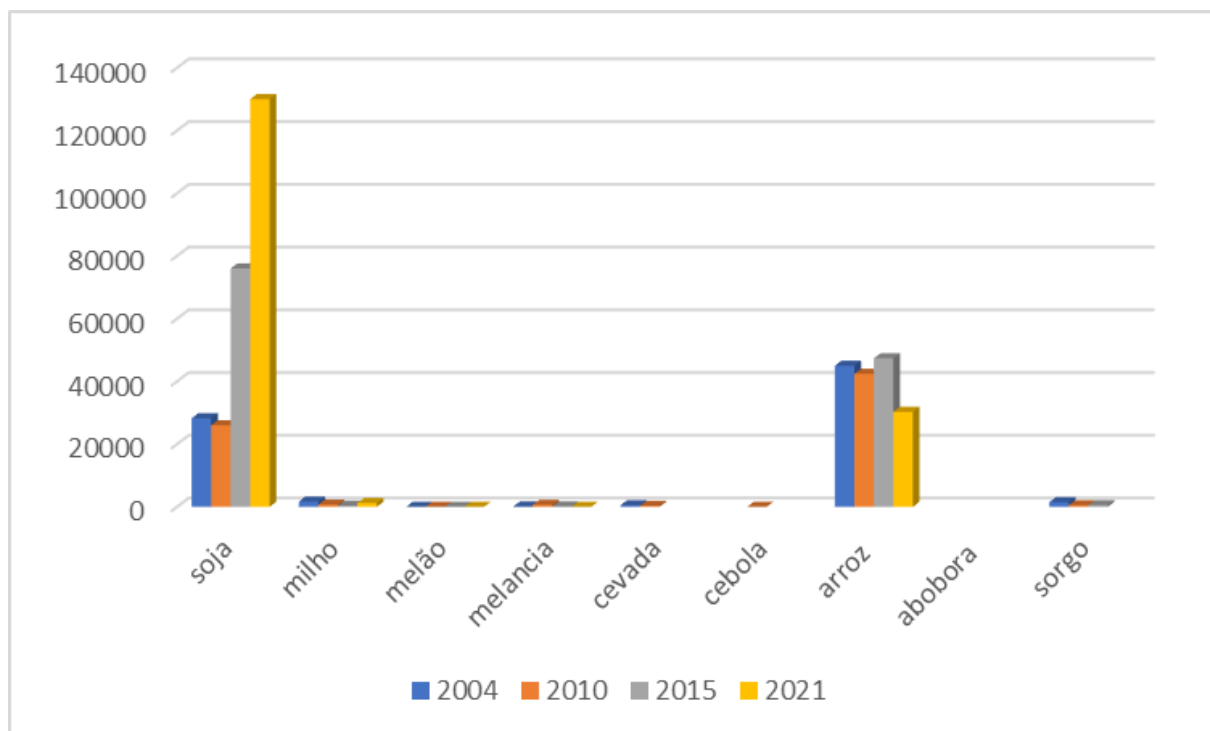
Gráfico 1. Evolução da produção agrícola no município de Dom Pedrito



Fonte: IBGE (Censo Agropecuário)

Na produção agrícola, o arroz, a melancia, o melão e o milho chegaram a apresentar algum aumento, porém nada que se possa comparar ao *boom* da soja, que teve um aumento de mais de 5 vezes em sua produção. Da mesma forma, os dados permitem afirmar que este avanço ocorre especialmente pelo avanço da área plantada e não como decorrência apenas de fatores tecnológicos, como afirmam Buainain et al (2013).

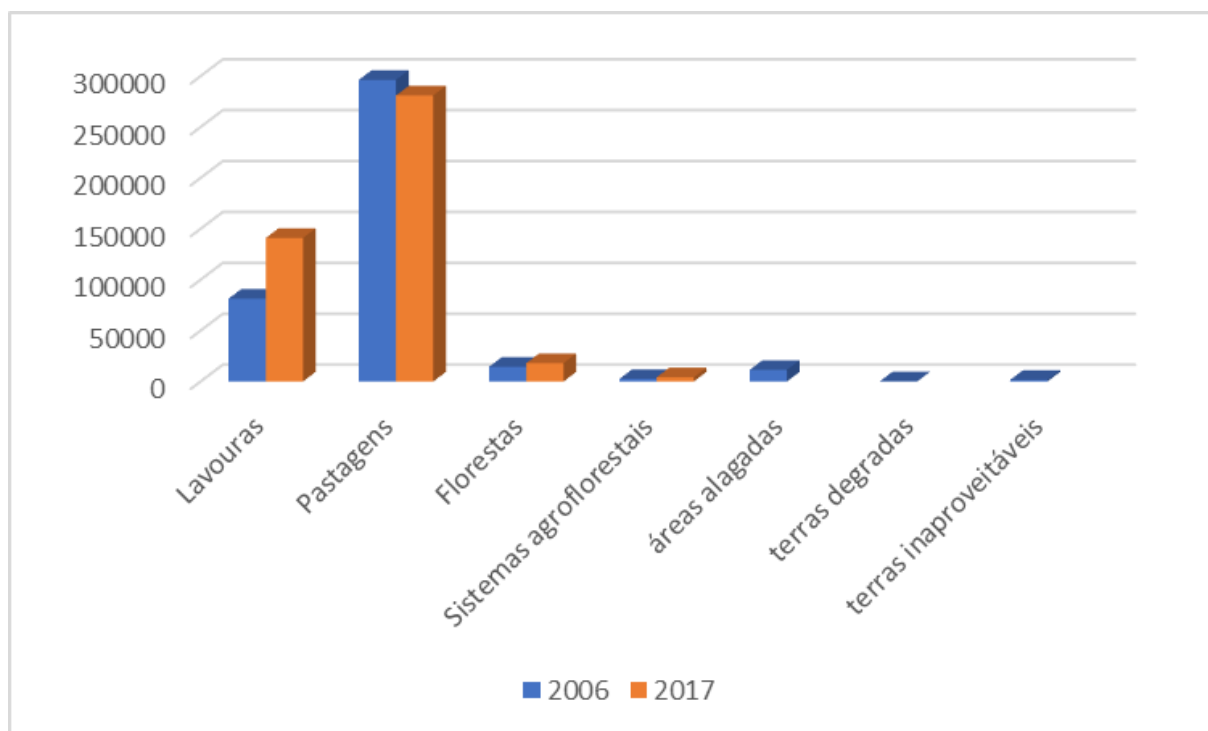
Gráfico 2: Produção agrícola no município de Dom Pedrito - área plantada



Fonte: produção agropecuária - dados municipais (IBGE)

Ainda que tenha havido uma pequena variação negativa na área plantada de outras culturas, destacadamente da orizicultura, no período analisado, foi especialmente sobre as áreas de pastagens que ocorreu o avanço da soja em Dom Pedrito.

Gráfico 3: Evolução da utilização das terras em Dom Pedrito



Fonte: IBGE (Censo Agropecuário)

Com isso podemos começar a entender o porquê da evasão tão constante dos povos do campo, dos pequenos agricultores rurais, logo que com o aumento da soja, podemos identificar menos pastagens, águas exploradas e contaminadas para a criação de gado, os agrotóxicos que as lavouras utilizam que vai contaminando tudo ao seu redor, impedindo que esses pequenos agricultores rurais consigam manter uma horta saudável, ou horta nenhuma, devido a terra totalmente contaminada por esses agrotóxicos.

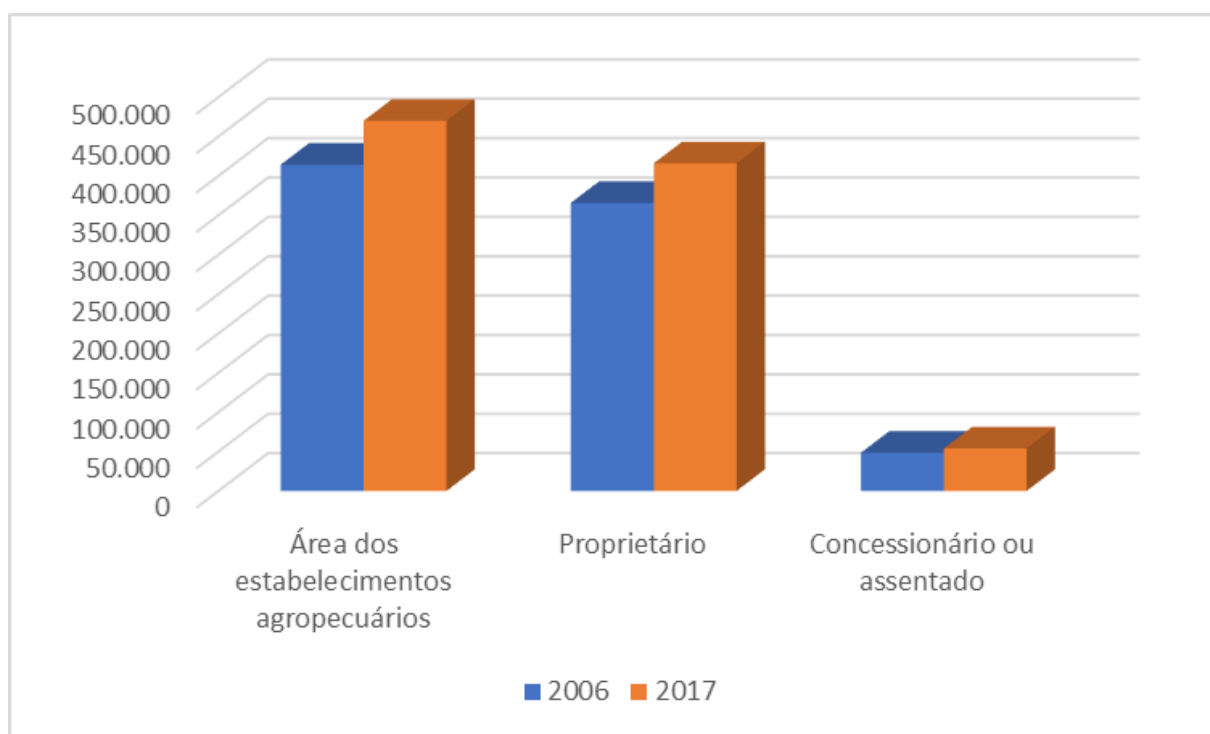
Observamos a importância que os pequenos agricultores têm em nossa sociedade, pois são eles que abastecem 70% da alimentação do nosso país e mesmo sabendo que os povos do campo são de suma importância para a alimentação da humanidade, há uma falta de conscientização por parte do latifúndio que visam o lucro em dinheiro somente, mais do que valorizam a vida humana.

Os dados apresentados no gráfico 3 permitem inferir também que houve uma expansão da área agrícola no período estudado, dado que o aumento das áreas de lavoura não chega a ser totalmente compensado pela redução das áreas de pastagens, a qual foi também significativa. Por sua vez, destaca-se ainda que na

edição de 2017 a metodologia do Censo Agropecuário não reproduz as mesmas categorias, o que traz algum prejuízo às comparações.

Os dados permitem afirmar que esse aumento da área agrícola se deve ao plantio de soja, que podemos perceber como um dos motivos da evasão dos camponeses do campo. E com o avanço da soja, logo por consequência, o uso de agrotóxicos, utilização demasiada da água, devastação dos campos nativos, tudo isso acaba afetando o gado e as plantações das famílias camponesas, onde acabam obrigadas a vender ou se mudar de suas propriedades, ficando impossível a vida nesse ambiente dominado pela soja.

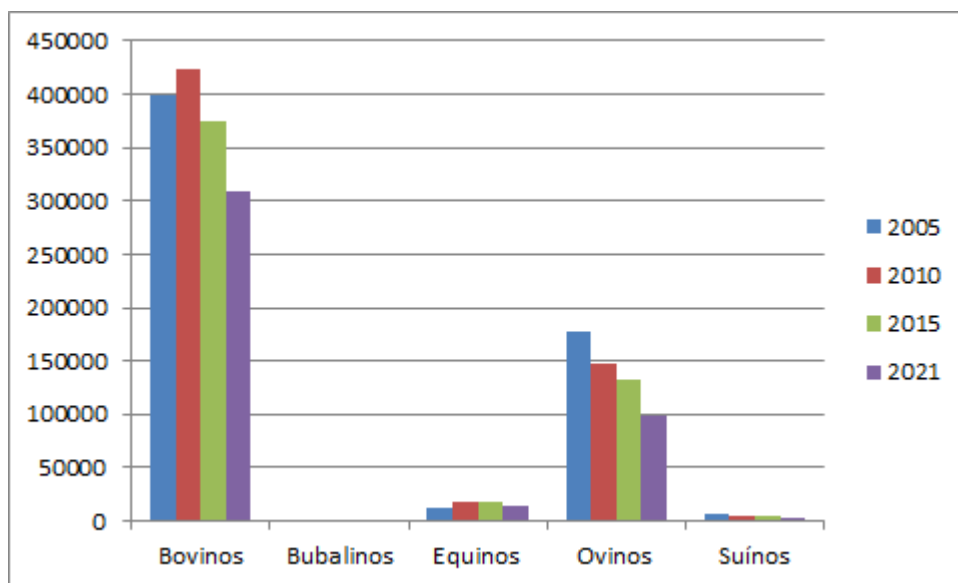
Gráfico 4. área dos estabelecimentos agropecuários



Fonte: IBGE (Censo Agropecuário)

Mas ao analisar a dinâmica de ocupação da terra em Dom Pedrito, o fenômeno que mais chama a atenção é observado na redução da produção pecuária, conforme é possível observar no gráfico abaixo, com uma significativa redução na criação de bovinos e suínos no período.

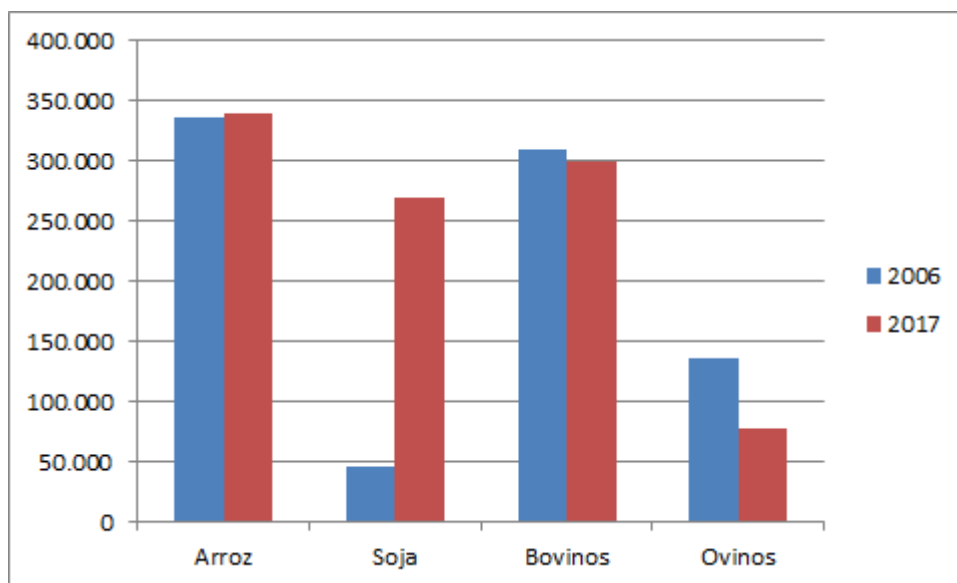
Gráfico 5. Pecuária no município de Dom Pedrito



Fonte: produção agropecuária - dados municipais (IBGE)

Desta forma, ao analisar de modo conjunto os dados da produção agrícola com os dados da produção pecuária no município de Dom Pedrito podemos observar uma alteração significativa no perfil agrícola do campo, dado que o processo de sojicização (MOREIRA, CONTERATO, MATTE, 2019, LEMOS, RIZZI, 2020) do pampa também se manifesta de forma avassaladora no município, ocupando especialmente áreas antes utilizadas pela produção de arroz e pela produção pecuária, neste último caso, possivelmente pela expulsão dos pecuaristas familiares, como pode ser representativo o fenômeno de redução do número de proprietários de terras no intervalo entre os Censos Agropecuários de 2006 e de 2017.

Gráfico 6: Evolução da produção agropecuária em Dom Pedrito



Fonte: IBGE (Censo Agropecuário)

Os dados do último Censo Agropecuário confirmaram a manutenção de uma tendência histórica de concentração da terra no Brasil, fenômeno que teve início com o processo de colonização e foi sendo aprofundado pela própria dinâmica pela qual a terra sempre foi utilizada como capital convertido em poder para assegurar os privilégios da elite agrária brasileira (MARTINS, 2011). Da mesma forma, a concentração fundiária sempre foi característica da metade Sul do Estado do Rio Grande do Sul, onde está localizado o município de Dom Pedrito, todavia a invasão do Pampa pelo agronegócio e por suas formas sociais de reprodução do capital trouxeram uma novidade dramática aos camponeses que historicamente resistiram nestes territórios, pois se até então ainda era possível a convivência de formas familiares de produção, mesmo que nalguns casos conflituosa ou subordinada, com os estancieiros; no caso da soja sequer a presença de outras formas de reprodução social é admitida, de forma que as práticas terroristas se tornam rotina para expulsá-los do campo e tomar suas terras.

5. Considerações finais

Ao realizar essa pesquisa, considero de grande contribuição para os povos do campo que a maioria das vezes não tem voz ativa, ou seja, deixam suas terras sem nenhum recurso ou lei que possa defendê-los desse tipo de exploração. Nestes

termos, entende-se que esta pesquisa pode cumprir também um papel de denúncia das práticas do agroterrorismo made in Brazil

Da mesma forma, em Dom Pedrito, assim como na sociedade de um modo geral, ainda existem pessoas muito desinformadas na compreensão do agronegócio e do que ele representa na vida dos camponeses e da sociedade de um modo geral. Mais do que isso, a partir da cooptação dos recursos do estado e dos espaços de mídia, o agronegócio tem construído narrativas de ficção em que se constituem como heróis do desenvolvimento, enquanto na prática cumprem a função de vilões, que se apropriam e parasitam o estado e a sociedade como forma de geração de riqueza individual, ou seja, a riqueza do agronegócio é diretamente proporcional ao aumento da pobreza e a própria morte da natureza. Por isso, ao mostrar a realidade dessas famílias que vêm sofrendo ao longo dos anos em deixar suas terras, espera-se abrir um espaço de compreensão e entendimento, fortalecendo os povos do campo e as comunidades ao redor a lutarem sim pelo seu direito em suas terras, lutar para garantir que suas gerações possam herdar o que é seu e não apenas conhecer por fotos um dia aquilo que seus pais e avós chamaram de lar.

Espero que essa pesquisa possa trazer a compreensão das pessoas em relação de que o agronegócio não é algo tão bonito como campos verdes, como uma linda foto de uma família feliz ao lado de máquinas brilhantes, mas sim enxergar a realidade triste e abusiva que há por trás de propagandas enganosas. Que as famílias camponesas se sintam vistas, que tem pessoas que lutam por elas e acreditam que o campo também é lar, que aonde chegar essa pesquisa olhos sejam abertos para enxergar o próximo como podemos nos contemplar no espelho e analisar nossa própria face, assim possamos enxergar o próximo como a nós mesmos e cuidar de um bem que é comum para todos, a vida gera vida, seja animal, vegetal ou humana.

Referências Bibliográficas

ALENTEJANO, Paulo Roberto Raposo, EGGER, Daniela da Silva. Agronegócio. In. DIAS, A.P., STAUFFER, A.B., MOURA, L.H.G, VARGAS, M.C. (Orgs). **Dicionário de Agroecologia e Educação**. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2021. p. 97-104

ALVES, Fabiane Franco. **(Re)escrevendo a história a partir de narrativas quilombolas**. Dom Pedrito: Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Pampa, Curso de Educação do Campo, 2021.

ANDRIOLI, Antônio Inácio, FUCHS, Richard. (Orgs.). **Transgênicos: a semente do mal**. São Paulo, Expressão Popular, 2008.

ARROYO, Miguel. Outro paradigma pedagógico de formação de educadores do campo? In. MOLINA, Mônica, MARTINS, Maria de Fátima. (Orgs). **Formação de Formadores: reflexões sobre as experiências da Licenciatura em Educação do Campo no Brasil**. Belo Horizonte, Autêntica, 2019.

CHELOTTI, M. C.; PESSÔA, V. L. S. . A nova geografia agrária da Campanha Gaúcha/RS-BR:a (re)criação da produção familiar em domínio do espaço latifundiário. In: **V Jornadas Interdisciplinares de Estudos Agrários y Agroindustriales, 2007, Buenos Aires. Anais das V Jornadas Interdisciplinares Buenos Aires/AR** : FCE-UBA, 2007. v. 1. p. 1-16

FAVARETTO, A. Concepções de desenvolvimento e de intervenção pública no Brasil rural sob o governo Temer e além. **Raízes**, Raízes, v.37, n. 2, p. 7-26, jul-dez/2017. FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação Omnilateral. In. CALDART, Roseli, PEREIRA, Isabel, ALENTEJANO, Paulo, FRIGOTTO, Gaudêncio. (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. RJ/SP: Expressão Popular, 2012.

GONZAGA, José Guilherme Franco; NEVES, Jonas (2019a), "**Agricultura**", *Dicionário Alice*. Consultado a 09.06.22, em https://alice.ces.uc.pt/dictionary/?id=23838&pag=23918&id_lingua=1&entry=24431. ISBN: 978-989-8847-08-9

GONZAGA, José Guilherme Franco; NEVES, Jonas (2019b), "**Agronegócio**", *Dicionário Alice*. Consultado a 09.06.22, em https://alice.ces.uc.pt/dictionary/?id=23838&pag=23918&id_lingua=1&entry=24438. ISBN: 978-989-8847-08-9

JACINTHO, Helen. Agro é vida: Entenda a importância do setor que produz alimentos e segura a economia brasileira. **Forbes**. 26 de Agosto de 2022, disponível em <https://forbes.com.br/forbesagro/2022/08/agro-e-vida/>, acesso em 07/06/2023.

JACINTO, Luís César Rodrigues. **Saberes de resistência, identidades e pertencimentos no sul do Brasil: modos de ser e viver nas narrativas de quilombolas da comunidade de Palmas (Bagé, RS)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pampa, MESTRADO EM ENSINO, 2019.

LEMOS, Gabriel da Silva, RIZZI, Rodrigo. A expansão da soja no Bioma Pampa brasileiro e sua interação espaço-temporal com arroz e campo. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 35, p. 9-26, 2020.

MARTINS, José de Souza. **A Política do Brasil: lúmpen e místico**. São Paulo: Contexto, 2011.

MAZURANA, Juliana, DIAS, Jaqueline Evangelista, LAUREANO, Lourdes Cardozo. **Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa**. Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia, 2017.

MIDITIERO JR. "O Agro não é pop": estudo aponta que a fome é resultado do agronegócio. **Brasil de Fato**. 20 de Outubro de 2021, disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2021/10/20/o-agro-nao-e-pop-estudo-aponta-que-a-fome-e-resultado-do-agronegocio>, acesso em 07/06/2023.

MONTEIRO, Denis. Agroecossistemas. Dicionário da Educação do Campo. In CALDART, Roseli Salete, PEREIRA, Isabel Brasil, ALENTEJANO, Paulo, FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 67-73.

MOREIRA, Juliana Gomes, CONTERATO, Marcelo Antônio, MATTE, Alessandra. Transformações produtivas e mudanças no uso da terra no Pampa Brasileiro: influências do avanço da soja na bovinocultura de corte. **Campo-Território: revista de geografia agrária**, v. 14, n. 33, p. 179-207, ago., 2019.

PEREIRA, Mônica Cox de Brito. Revolução Verde. In CALDART, Roseli Salete, PEREIRA, Isabel Brasil, ALENTEJANO, Paulo, FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 687-691.

RIGONATTO, Valney Dias. Mesa Redonda: Mercantilização da natureza nos cerrados: dinâmicas e conflitos de interesses. In. IX Encontro da Rede de Estudos Rurais, 2021. Disponível em <https://redesrurais.org.br/mesa-redonda-mercantilizacao-da-natureza-nos-cerrados-dinamicas-e-conflitos-de-interesses/>, acesso em 07/06/2023